
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A IMPRENSA RELIGIOSA COMO FONTE DOCUMENTAL, HISTÓRICA E LITERÁRIA

Jeniffer Yara Jesus da Silva¹ (UFPA)
e Márcia do Socorro da Silva Pinheiro² (UESPI)

RESUMO: A pesquisa em fontes primárias revela autores, narrativas e discursos resgatados pelos documentos antes esquecidos ou negligenciados pelas diferentes áreas do saber, incluindo a dos Estudos Literários. O presente artigo objetiva expor um recorte de dados verificados em jornais religiosos do século XIX, brasileiros e católicos, entre as décadas de 1860, os quais não somente se destinaram a condenar a leitura de romances, como também publicaram prosa ficcional em meio à querela ideológica e política intitulada Questão Religiosa. As décadas escolhidas integram o período que compreende o momento histórico, antes e depois do estopim do embate, em 1872. As práticas de leitura, seja por meio de artigos ou de publicação de narrativas, estiveram presentes nestes jornais como meios discursivos e de fundamentação crítica para guiar o público leitor, logo, estas fontes revelam o potencial da ficção como instrumento de persuasão e divulgação de preceitos e posicionamentos ideológicos, como os religiosos. Espera-se que a partir das reflexões provocadas neste trabalho, os periódicos dogmáticos continuem sendo objetos de diferentes pesquisas possíveis na área dos Estudos Literários, como fontes fecundas de discursos e publicações, passíveis de reflexões e questionamentos as quais se instituem para além do resgate histórico-literário, inserindo-se nas pautas e debates políticos.

PALAVRAS-CHAVE: jornais religiosos; século XIX; narrativas moralizantes; romance.

THE RELIGIOUS PRESS AS A DOCUMENTARY, HISTORICAL AND LITERARY SOURCE

ABSTRACT: Research into primary sources uncovers authors, narratives, and discourses previously overlooked or neglected by various fields of study, including Literary Studies. This article aims to present a selection of data gleaned from 19th-century Brazilian Catholic religious newspapers dating from the 1860s. These newspapers not only condemned the reading of novels but also featured fictional prose amidst the ideological and political turmoil known as the Religious Question. The chosen decades encompass the period both preceding and following the outbreak of the conflict in 1872. Within these newspapers, reading practices—be it through articles or the publication of narratives—served as a means of discourse and critical reasoning aimed at guiding the reading public. Thus, these sources reveal the potential of fiction as a tool for persuasion and the dissemination of ideological precepts, including religious ones. It is hoped that the insights provoked by this study will encourage further exploration of dogmatic periodicals in the field of Literary Studies, recognizing them as rich sources of

1 jeniffer.yara@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-4824-2730>

2 marciasp23@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-4184-9081>



discourse and publications that invite reflection and interrogation extending beyond mere historical-literary recovery. Rather, they become integral to political agendas and debates.

KEYWORDS: religious newspapers; 19th century; moralizing narratives; novel.

Recebido em 11 de outubro de 2023. Aprovado em 26 de março de 2024.

INTRODUÇÃO

A partir dos modos de ler vivenciados no Setecentos e Oitocentos (Lajolo & Zilberman 1996), parcelas da população letrada e não-letrada brasileira mantiveram contato com inúmeros exemplares de prosa de ficção publicados e traduzidos de diversas línguas, em fontes primárias nas quais foram verificadas significativa circulação e propagação do romance (Abreu 2008). Assim, o novo gênero adequou-se às diferentes intenções de escrita. Ora para moralizar ou subverter os valores, ora para valorizar ou rechaçar certas condutas sociais, reafirmar verdades já instauradas e, em outros casos, questionar posicionamentos sociais e políticos valorizados por instâncias de poder, no campo político e religioso. A presença do novo gênero nas práticas sociais fez surgir discussões sobre, por exemplo, o valor destas narrativas e de que forma sua leitura afetaria o público leitor.

Por meio da publicação em jornais, o romance esteve presente nas camadas mais simples da sociedade brasileira. Entre letrados e semialfabetizados, entre mulheres e homens, jovens ou adultos, a prosa de ficção moderna acarretou considerável faturamento aos jornais do século XIX, que preenchiam suas páginas na seção *Folhetim* e em outras seções destinadas às publicações literárias (Meyer 1996), com narrativas de expressivo poder persuasivo a fim de captar a atenção do público, principalmente para os capítulos subsequentes, mediante estratégias folhetinescas.

A presença do romance foi perceptível em diferentes tipos de periódicos, incluindo os denominados religiosos-doutrinários. Tal fato não ocorreu da mesma maneira que em outros jornais, denominados noticiosos e literários, visto que as motivações para tratar do assunto foram diferentes, de acordo com os escopos editoriais de cada impresso.

Nesse contexto, ao incorporar a análise dos discursos históricos, sociais, religiosos e doutrinários envoltos na produção crítica e literária da época, conduz-se esta pesquisa à construção de uma História literária nacional comprometida em esclarecer os posicionamentos que permearam as manifestações relativas à História e à Literatura. Este agir acompanha a compreensão de que há muitas histórias “não contadas” localizadas à margem do cânone brasileiro, as quais devem ser recuperadas e inseridas nas pesquisas.

Os vastos estudos em periódicos existentes no Brasil confirmam a importância das fontes primárias, não apenas a respeito da presença de notícias e opiniões publicadas em determinado impresso, mas também respondendo a questões pertinentes quan-

to à materialidade e aos conteúdos inscritos nas fontes de estudo, como “identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas [...]” (Luca 2005: 140). Esta investigação, chamada de “análise circunstanciada” pela historiadora Tânia Regina de Luca, compreende a abordagem presente neste trabalho, no que tange, especificamente, à imprensa religiosa-doutrinária oitocentista no Brasil, especificamente em algumas províncias do país, as quais envolveram-se na chamada Questão Religiosa, embate entre Igreja Católica e Maçonaria no Oitocentos:

A Questão Religiosa constituiu-se numa série de conflitos ocorridos no período de 1872 a 1875, entre uma determinada ala do clero, considerada conservadora, e o Império brasileiro. Alguns Bispos estavam inconformados com a direção de maçons nas irmandades religiosas e passaram a proibir tal presença. O governo imperial leu as proibições como uma desobediência à sua autoridade e à constituição, levando os Bispos a responderem processo pelas proibições e fechamento de irmandades ao Supremo Tribunal do Império, este em 1874, decretou a prisão de D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira e D. Macedo Costa, respectivamente Bispos de Olinda e do Grão-Pará. (Martins 2002: 75)

Dessa forma, o presente estudo insere-se nas investigações relativas à História do livro e da leitura, a qual se detém a diferentes suportes de circulação, impressão e publicação de produções narrativas e críticas, utilizando a fonte jornalística religiosa-doutrinária como principal objeto de estudo e análise para elucidar o contexto histórico e doutrinário daquele período.

IMPrensa religiosa-doutrinária: GUIAS PARA A SOCIEDADE OITOCENTISTA

A imprensa religiosa-doutrinária nacional surge na segunda metade do século XIX aliada à intensificação da imprensa noticiosa, quando inúmeros jornais iniciavam circulação e distribuição, em muitos casos, diariamente. Uma das primeiras cidades a presenciar o início deste tipo de imprensa foi Mariana, em Minas Gerais, em 1846, com o periódico *Seleta Católica*, dirigido por Dom Antonio Ferreira Viçoso (1787-1875), sétimo bispo da diocese de Mariana (Silveira 2013). Posteriormente, em Belém do Pará, o periódico *Synopsis Ecclesiastica* viria a ser publicado em 1848, sob a direção de Dom José Afonso de Moraes Torres (1805-1865), Bispo do Pará, à época, o qual publicou outro impresso de mesmo caráter religioso, intitulado *A Trombeta do Santuario: jornal voltado exclusivamente aos interesses da religião*, o qual foi mantido em circulação entre 1851 a 1854. Esses periódicos defenderam suas respectivas doutrinas por meio da publicação jornalística, desejosos em esclarecer o público leitor a respeito de suas ações e dogmas, além de combater os preceitos dos considerados “inimigos” ou “adversários na fé”, em uma tentativa de persuadir quem os lia, por meio dos discursos inscritos.

Para este artigo, foram analisados três jornais católicos, a saber, *A Cruz* (1861 – 1864), publicado no Rio de Janeiro; *Tribuna Catholica* (1867-1868), do Ceará; *A Esperança* (1864 – 1865), de Recife. Tais escolhas justificam-se pelas semelhanças nos projetos editoriais dos jornais e no envolvimento das discussões publicadas neles com a Questão Religiosa.

O periódico *A Cruz* foi denominado “jornal religioso, literário, histórico e filosófico”, publicado no Rio de Janeiro entre os anos 1861-1864. Assinava-se na Sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Candelaria e foi impresso na Tipografia de D. L. dos Santos, localizada na rua Nova do Ouvidor, número 20. Saía sempre aos domingos e sua primeira edição foi publicada em 18 de agosto de 1861. As assinaturas poderiam ser realizadas tanto na corte como em outras províncias, chegando até às províncias do Norte do país, como a província do Grão-Pará.

Em seu editorial, os redatores da folha, os quais não são citados, argumentam sobre “a necessidade absoluta da educação religiosa” (*A Cruz* 1861) que estaria sendo desprezada pela sociedade brasileira em virtude das ciências e filosofismos moderno. O artigo explicita quem são os culpados:

O que nos abalançamos a dizer não é mentira; pessoas há que ocupam altas posições, instruídas em vários ramos de ciências, ignorando, no entanto, o mínimo preceito, da crença de seus pais.

Culpam o clero, nós o confessamos, em grande parte ele tem sido culpado; mas não se lhe imponha toda a responsabilidade, ela tão bem cabe aos pais de família, e mais encarregados do adiantamento moral.

E se o clero é culpado, já é tempo que acorde desse pecaminoso letargo, em que jazia sepultado; foi a ele, a quem o Salvador encarregou a missão do ensino; seja, pois a cruz – um princípio da prática, no Brasil dessa missão divina (*A Cruz* 1861: ed. 01)

O jornal justifica sua publicação por meio da culpabilização do próprio clero como um dos responsáveis pelo abandono das crenças religiosas, do respeito à família e à religião, assim, os artigos a serem divulgados seriam voltados para a valorização da educação religiosa, dos preceitos morais e dos interesses da Igreja:

Hoje mais que nunca, uma folha se torna necessária, que defenda os interesses da esposa de Jesus Cristo. O filosofismo moderno tem invadido com suas falsas e perniciosas doutrinas; e quem o diria! ousado tocar a pessoa do supremo chefe da Igreja. E o Brasil porventura ainda se acha isento dessa peste contagiosa?! esteja ou não! convém-nos, sim, zelar pelo depósito que nos foi confiado; alçarmos nossa voz em pró da esposa ofendida (*A Cruz* 1861: ed. 01)

O filosofismo moderno mencionado é aquele distanciado do recomendado pela Igreja, voltado para questões existencialistas e que negam a existência de um Deus,

portanto, um filosofismo responsável por propagar “falsas e perniciosas doutrinas” (A Cruz 1861) nas casas cristãs. De acordo com o editorial, a Igreja, esposa de Cristo, necessita defender seus interesses do seu algoz. O inimigo eleito aparenta ser aquele advindo dos pensamentos racionalistas e questionadores da religião, em uma época de propagação das ideias de filósofos como Ludwig Andreas Feuerbach (1804 – 1872), filósofo materialista e autor do livro *A Essência do Cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*), publicado originalmente em 1841 (Martins s.d.), no qual Feuerbach aborda a religião centrada no homem, assim como Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 – 1900), reconhecido por seus escritos críticos à religião (Almeida s.d.).

Tal opositor parece não estar muito distante do público leitor, especificamente da juventude, já que no editorial é mencionado para quem se dirige as publicações, elegendo a “mocidade” como seu público-alvo e as “leituras perniciosas” como principal objeto de combate: “A cruz é dedicada especialmente à mocidade, a fim de vermos se por este modo, arredamos de suas mãos, essas perniciosas leituras, que vão pouco a pouco, lhe infiltrando no coração o veneno da perdição e do crime” (A Cruz 1861: ed. 01). Não se reconhece exatamente quais são essas leituras rechaçadas pela redação nesta apresentação, porém, pela denúncia anterior mencionada no artigo, as leituras filosóficas podem ser o alvo de apreensão neste trecho, pois também gerou posicionamentos condenatórios por parte dos religiosos. Como o romance, esses livros poderiam propagar críticas aos costumes sociais, políticos e religiosos (Mattos 2004).

Disposto em duas colunas e quatro páginas, *A Cruz* destinou-se especialmente aos assuntos relacionados às práticas de leitura da época, publicando, nas primeiras edições, o “perigo dos romances” e das leituras filosóficas. No entanto também se dedicou aos escritos relacionados a leituras religiosas, sermões e ensinamentos sobre a conduta cristã, além de dispor espaço para noticiar novidades da Igreja, como nomeações de vigários, missas solenes, chegada de padres à província, entre outros.

Esse posicionamento editorial esteve presente igualmente em *A Esperança*, denominado “jornal religioso, político, científico e literário”. Propriedade de José Soriano de Souza, publicado em Recife entre os anos de 1864 a 1865, foi impresso na Tipografia da Esperança, rua do Imperador, número 09. Em seu prospecto, é articulado, primeiramente, a respeito do “mal da situação” (*A Esperança* 1864) relacionado à ordem política, moral e religiosa que se encontra o Brasil. Considerando a primeira, esta ordem é citada como “bastarda e mesquinha”, estando longe de proteger a liberdade de todos, “aumenta as forças do Estado e promove o bem geral da nação, não passa pelo contrário da arte de atingir com o melhor sucesso fins meramente pessoais, o Brasil acha-se desde algum tempo a esta parte fora de seus eixos legais e dos caminhos de Deus” (*A Esperança* 1864: ed. 01). O Estado, não mais aliado aos preceitos cristãos, especificamente aos da Igreja Católica, vivenciava o que é considerado pela folha como “sintomas de um mal profundo que mina a sociedade brasileira” (*A Esperança* 1864: ed. 01), juntamente à sociedade civil, em que “descobriremos nas ideias e costumes reinantes a origem e explicação desse transtorno geral, que todos reconhecem existir nas altas regiões governamentais” (*A Esperança* 1864: ed.

01). Aqui percebe-se claramente a importância dada aos assuntos políticos pelos redatores e qual a visão que se tem sobre eles.

Novamente, o foco volta-se para a mocidade, porém em afirmação de que este setor está imbuído de leituras que os aproximam dos “vícios e de uma educação pouco cristã” (*A Esperança* 1864: ed. 01). Este estado é reflexo da situação política descrita acima, em que a conduta dos civis é reflexo das ações de seus representantes. Dessa forma, as perturbações na ordem política e moral, perante a sociedade, são frutos de uma desordem no âmbito religioso. Assim como *A Cruz*, o periódico *A Esperança* cita a educação cristã e os preceitos católicos como soluções para os males que afligem o país:

Sim, estudai todas essas perturbações que se fazem sentir na ordem moral e política de nossa sociedade, e vereis que a cada uma delas corresponde a uma perturbação na ordem religiosa; estudai, sem prevenção, todos esses males que nos afligem, e reconheceréis que a todos eles se pode, ou antes se deve assinar como causa, o enfraquecimento do sentimento religioso, a falta de instrução e educação religiosa, a inoculação das doutrinas ímpias e materialistas que gerou o século passado, a opressão da Igreja de Jesus Cristo, o ceticismo de uns, a incredulidade de outros, e finalmente a indiferença de muitos, inclusive também a indiferença do Estado. (*A Esperança* 1864: ed. 01)

O enfraquecimento religioso citado no trecho acima e igualmente presente no prospecto de *A Cruz* é, de acordo com a conjuntura histórica da época, fruto de questionamentos à doutrina católica, por meio de movimentos políticos, ideias liberais e republicanas, além dos pensamentos filosóficos e científicos, anticlericais e voltados para a laicização em diferentes instâncias sociais. Assim,

não é de se estranhar que sejam concomitantes o endurecimento do discurso dos papas que bradavam contra a liberdade de consciência e de imprensa e o nascimento de jornais e revistas católicas, nos quais vários intelectuais ligados à instituição assumiam o ideal da recristianização da sociedade, em uma espécie de cruzada contra a “corrupção dos costumes”, capitaneada, aos olhos da Igreja, pela má imprensa, responsável pela publicação de livros e opúsculos – “pequenos no tamanho, mas grandíssimos por malícia” – no intuito de “propagar doutrinas perversas e nocivas à religião e ao Estado” (Silveira 2013: 5)

Política e religião se articulam nos artigos publicados nesses jornais, de forma que a Igreja Católica, por meio da redação jornalística, acusa o Estado por sua “indiferença”, relativas, possivelmente, aos interesses da manutenção de um poder monárquico no país, já que movimentos liberais e republicanos estavam em ascendência naquele momento (Germano 2019), e pelas “perturbações morais” advindas também dos movimentos políticos que questionavam o poder católico e as influências dessa ordem nos âmbitos social e político.

Em *A Esperança*, além dos assuntos literários, científicos e religiosos, presencia-se, indiscutivelmente, os temas políticos, notas sobre o assunto estão em seções como *Notícias estrangeiras* e *Notícias do Império*. De quatro colunas dispostas em quatro páginas, as edições eram publicadas uma vez por semana, e além dos artigos de temáticas mencionadas acima, havia espaço para anúncios ao final de cada edição, em que se encontram divulgados títulos de livros e instruções para participação em seminário episcopal.

De nuance diferente, mas seguindo projeto editorial muito semelhante aos jornais acima citados, a *Tribuna Catholica* circulou no Ceará, entre 1867 a 1868, e foi impresso na Tipografia Industrial, por José Cunha da Bezerra; denominou-se “jornal religioso, literário e noticioso”. Seu escopo editorial voltava-se muito mais para a publicação de artigos opinativos e narrativas sobre assuntos da moral e fé cristã, no entanto não deixa de noticiar a respeito de alocações do Papa Pio IX (1792-1878), por exemplo, provisões do bispado local, além de avisos e circulares das dioceses.

Inscrita na primeira página do jornal, a frase “A religião católica apostólica Romana continuará a ser a Religião do Estado” (*Tribuna Catholica* 1867) já evidencia a preocupação, presente na época em diferentes províncias do país, a respeito do embate sobre as tentativas de retirar a doutrina católica como a única e oficial do Estado, questão essa que implicaria na retirada de poder em ações oficiais empreendidas pela instituição, como o casamento, o sepultamento e a educação de civis.

Dividido em quatro páginas, de três colunas cada, o jornal apresentou seções como “Variedades”, “Folhetim” e “Literatura”, todas abarcando narrativas de teor moralizante e doutrinário. A preocupação com as leituras é evidente pela presença de tantas publicações do tipo, porém, em artigo intitulado “Os bons costumes”, em 12 de maio de 1867, edição nº 06, novamente presencia-se acusações quanto ao estado atual da sociedade, modificada por posicionamentos e pensamentos distantes do cristão:

Outrora, quando todos se confessavam, porque só se cuidava em outra vida depois desta, em que se tinha fé viva e profunda de gozar ou sofrer muito eternamente, todos não só traziam a vida muito ajustada com as tradições, os mandamentos e os Evangelhos, como até procuravam, por caridade, chamar os outros ao mesmo caminho. Ninguém se desviava uma linha das regras da moral, que não escandalizasse os outros, e não fosse censurado, repellido ou evitado como um apestado. (*Tribuna Catholica* 1867: ed. 06)

O artigo inicia rememorando um estado de sociedade anterior ao contemporâneo à publicação, em que os costumes, hábitos e a política eram guiados pelos mandamentos do Evangelhos, considerados os verdadeiros guias. A atual situação, indiretamente citada, foi provocada “depois que a política tomou o lugar da moral, nem mais tradições, nem mais mandamentos, nem mais evangelhos, nada mais se respeitou” (*Tribuna Catholica* 1867: ed. 06). É evidente a razão de tal denúncia ao inseri-la no contexto em que esses jornais foram publicados, em um momento de perda de poder da

Igreja perante sua ruptura, cada vez maior, com o Estado. Além da ideia circulante na época de que a doutrina católica estava sendo preterida em detrimento de outros movimentos religiosos e filosóficos, como o protestantismo, o maçonismo, o materialismo filosófico e as ciências naturais (Reis & Souto 2016).

NO AFLORAR DOS EMBATES: A PRESENÇA DO ROMANCE EM JORNAIS RELIGIOSOS OITOCENTISTAS

Para reafirmar a preocupação desse tipo de imprensa periódica para com as leituras de romances à época, foi preciso catalogar os dados referentes ao gênero nas folhas descritas anteriormente, na tentativa de comprovar esta presença e explicar, brevemente, como o romance foi divulgado ou se houve publicações de narrativas ficcionais. Dessa forma, detém-se a presente análise à prosa ficcional nos jornais católicos anteriormente apresentados, de maneira a compreender as possíveis semelhanças e diferenças na publicação do romance entre estes jornais e para quais intenções essas publicações poderiam servir às suas defesas ideológicas. As narrativas ficcionais foram verificadas entre os anos de publicação dos referidos jornais, os quais circularam entre a década de 1860, a fim de serem selecionadas para a breve análise aqui empreendida. Foram títulos inseridos na seção *Folhetim* ou em seções variadas, algumas presentes nas edições dos impressos sem conter seção definida.

No periódico *A Cruz*, uma narrativa ficcional foi encontrada entre as edições disponíveis entre os anos de 1861 a 1864, intitulada “A senhora da caridade e a Florista”, sem autoria, em 1862, publicada entre as edições nº 33 a nº 56. A narrativa é sobre a história de Henriqueta, uma jovem pobre que, a pedido da mãe, retorna ao trabalho em uma loja de roupas, porém a jovem sofre perseguições de algumas clientes, que provocam desentendimento entre ela e sua patroa. As meninas são descritas como leitoras de romances imorais e Henriqueta, por sua vez, juntamente a sua família, é leitora de livros religiosos, como a *Imitação de Cristo*, de Tomas Kempis. A moralização nesta trama está envolta na dualidade entre boa e má conduta das jovens mulheres de comportamentos repreensíveis, as quais se encontram distantes das ações religiosas, de comportamento exemplar, como a leitora de livros religiosos, devota às ações cristãs.

A moralização católica permeia toda a trama; padres, livros, elementos e ações religiosas estão presentes na narrativa, elementos importantes na conduta das personagens pertencentes à família de Henriqueta, compondo o cotidiano e a personalidade de cada uma. Dessa forma, a prosa de ficção nesse jornal integra-se ao conjunto de publicações moralizantes, instrumentalizando-se como guia para as condutas e pensamentos valorizados pela redação jornalística, enfatizados nos artigos opinativos e, também, na ficção.

Em *A Esperança*, a seção *Folhetim* publicou a narrativa intitulada “A esposa, a mãe e a viúva cristã ou Biografia de Virginia Bruni”, de autoria do padre Ventura Raulica (1792 – 1861), autor italiano:

Joaquim Ventura de Raulica confessa-se tradicionalista e faz a defesa do tradicionalismo, com muito empenho. Cumpre, antes de tudo, recordar que a obra dele é eminentemente apologética. Trata-se de combater aquilo a que ele chama razão moderna, a qual se insurgira contra a razão católica, cujo apogeu Ventura coloca no século XIII, com Alberto, Tomás e Boaventura. (Lara 1988: s.p.)

A biografia foi publicada em 1865, entre as edições nº 13 a 29. Informações referentes a esta narrativa não foram encontradas para além do jornal, exceto que também foi publicado na folha católica *O Apóstolo*, do Rio de Janeiro, no ano de 1878. *A Esperança* enfatiza o início do folhetim com a publicação de um artigo anunciando o opúsculo. Além de elogios ao autor, a recomendação foca no caráter edificante do livro:

Hoje encetamos a publicação do magnífico opúsculo do Padre Ventura, intitulado – A Esposa, a Mãe e a Viúva cristã, ou Biografia de Virgínia Bruni. Esse livro pequeno pela sua forma, porém grande pelo pensamento que nele se desenvolve, parece-nos ser desconhecido de nossas famílias, e, entretanto, ele é indubitavelmente um ótimo manual onde, não só a donzela, como a esposa e a viúva encontraram excelentes lições apropriadas aos seus respectivos estados. (*A Esperança* 1865: ed. 13)

O enredo é sobre a vida da esposa de Nicolau Bruni, ambos citados como figuras exemplares de devoção religiosa. Virgínia Bruni (sem maiores informações biográficas) é descrita como “exemplo de todas as suas companheiras”, pela “vivacidade e prontidão de seu espírito” (*A Esperança* 1865), bem como pelo “amor aos pobres, e ainda mais pela ingenuidade e afetuoso ardor de sua piedade” (*A Esperança* 1865). Aqui presencia-se, novamente, o protagonismo feminino em um enredo de caráter moralizante, neste caso, de cunho biográfico/religioso.

É perceptível que a conduta feminina é alvo de grande preocupação dos religiosos quanto aos possíveis desvios que más leituras poderiam causar nas leitoras, nesse sentido, as narrativas que se pretendem instrutivas, relativo a histórias de mulheres exemplares, fazem crer que a atenção em guiar os atos e pensamentos das leitoras também ocorreu por meio da prosa ficcional nesses jornais e, mais especificamente, por meio de narrativas de caráter religioso-doutrinário, condizente ao projeto editorial de cada periódico, como em *A Cruz* e *A Esperança*.

Em *A Tribuna Catholica*, a quantidade de narrativas foi maior do que nos jornais anteriormente mencionados, entre elas, o folhetim “O Parocho” chama atenção pela sua disposição em mais de trinta edições do jornal. Com primeira edição portuguesa em 1865, “O Parocho” foi intitulado como “romance religioso”, escrito por Antoine-François-Félix Roselly de Lorgues (1805–1895), historiador francês (Franciscon 2018), sendo publicado em 1867 pelo jornal cearense.

A narrativa “O Parocho” possui, atualmente, diferentes edições disponíveis em lojas virtuais, de traduções portuguesa e espanhola. No formato livro contém ainda introdução escrita por Camilo Castelo Branco, em sua segunda edição traduzida, no

ano de 1885 (Lorgues 1885). É um dos tratados religiosos famosos a sua época, considerado como um guia para os eclesiásticos e fiéis cristãos, como mencionado em sua introdução.

“Bethsabe” é assinada pelo Conego Francisco Bernardino de Sousa (1834 -?), clérigo de distinta produção folhetinesca. Bernardino de Sousa atuou como colaborador em periódicos cariocas, como *Jornal das Famílias*, *Revista Popular*, *Jornal do Commercio* e *Tribuna Catholica* (Blake 1883: 422). A narrativa não está listada em sua biografia no dicionário de Sacramento Blake, mas se trata da breve história bíblica entre o rei David e Betsabá, esposa do soldado Uriah. O rei apaixona-se pela formosa moça e ordena que Uriah esteja à frente em uma das batalhas de conquista do seu exército, sem proteção, a ser morto. Arrependido, pois, de seu pecado, David, na narrativa de Bernardino Sousa, em conversa com um profeta de Israel, confessa seu ato e diz estar disposto a morrer por isso; o profeta, no entanto, alega que Deus o perdoou. A trama termina sem menção a alguma reflexão do próprio autor, apenas sabe-se que a história também foi adaptada para peça de teatro pelo inglês George Peele, em 1588, além de possuir adaptação cinematográfica de 1951, pelo diretor americano Henry King.

Acerca das demais narrativas sem autoria publicadas no jornal cearense, “Uma alma no purgatório” é publicada como “romance”, mas nas primeiras linhas de sua introdução é denominada como “lenda cristã”, “muito conhecida por todos, e que será narrada sem exageros a nenhum fato” (*Tribuna Catholica* 1867), como escreve o autor anônimo. A trama é sobre Joana, uma recém-chegada a Paris, jovem religiosa e compadecida com as almas do purgatório; a primeira parte expõe sua extrema devoção aos mais necessitados e esta compaixão incomoda os que estão ao seu redor, provocando demissão de um dos seus trabalhos. Infelizmente, a continuação da narrativa não está disponível devido às edições mutiladas do periódico. O que pode se ressaltar é que, novamente, presencia-se uma protagonista feminina em uma trama de caráter religioso-católico.

Por fim, “O Vale de Almeria” é uma narrativa ambientada em uma cidade espanhola, em que se descreve a história do casal Valéria e Fernando. Ambos enfrentam diferentes percalços relacionados a uma antiga promessa do conde Vila-Mor, pai de Valeria, o qual havia jurado a mão de sua filha a outra família, mas que se arrependeu quando Fernando, ao salvar seu filho Carlos, deseja casar-se com Valeria. A dupla romântica sofre perseguições de conde Oviedo, antigo prometido da protagonista; este ainda consegue ferir Fernando, dado como morto, e inicia perseguição à Valeria e seu filho, Pedro. Trata-se de uma narrativa com ações dinâmicas e cenas de mistérios, envoltas por elementos religiosos, como a constante presença de orações realizadas pelos protagonistas e a presença de figuras eclesiásticas envolvidas na trama, elementos que se interligam também ao teor dos escritos em um jornal católico.

Notas e anúncios também estão presentes nos periódicos aqui estudados. A preocupação nas recomendações de leituras, nos elogios a autores ou a obras comentadas integram um conjunto de publicações a respeito das narrativas e autores que circularam nesses impressos e são de suma importância na investigação da circulação

literária presente em jornais religiosos-doutrinários, pois são dados que esclarecem as singularidades desses elementos, os quais indicam popularidade e procedência dos títulos, onde fora impresso ou vendido, além do conhecimento sobre a circulação e preço das obras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é perceptível, em todos os jornais apresentados, ao se verificar suas linhas editoriais, é a participação de um conjunto de periódicos ativos em um movimento nacional em defesa de seus posicionamentos políticos e doutrinários, a favor da liberdade de consciência e política contra um Estado moderno e ideias revolucionárias e/ou questionadores do poderio da Igreja, no caso dos católicos. A partir da imprensa jornalística, os escritos são de rápido e fácil acesso a uma parcela social da época, por meio de textos breves, notas e seções dedicadas aos assuntos principais escolhidos para defesa ou combate. Até mesmo em narrativas ficcionais de teor crítico e representativo de um determinado pensamento a tentativa seria de alcançar um significativo grupo de leitores e apoiadores nas posturas tomadas por redatores e dirigentes desses periódicos (Silva 2017).

A imprensa católica intentava cativar a atenção e influenciar um público leitor para além do clero ou fiéis cristãos. Mesmo que, primeiramente, críticos ferrenhos da imprensa, a partir do século XIX, e mais precisamente durante a segunda metade do século, redatores e dirigentes dos jornais católicos dispuseram-se a usar como ferramenta jornais oficiais da diocese ou de apoiadores da Igreja (Reis & Souto 2016) para propagar seus projetos políticos e sociais e combater as novas ideias que surgiam à época, ameaçadoras do *status quo* da instituição na sociedade oitocentista.

O movimento de integração nos assuntos discutidos entre os periódicos de diferentes localidades do país é notório nos jornais religiosos apresentados neste trabalho. Acerca da significativa presença de prosa de ficção nestes impressos, confirma-se um movimento nacional de um periodismo religioso preocupado não somente com as discussões e fatos relativos às instituições, mas igualmente atento às leituras e escritos acessíveis ao público leitor. Assim como jornais noticiosos e literários do século XIX, os periódicos católicos destinaram espaços à publicação do romance e da prosa ficcional, bem como à condenação dessas leituras.

OBRAS CITADAS

A CRUZ (1861 – 1864). Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca.html>.

A ESPERANÇA (1864 – 1865). Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca.html>.

A *TROMBETA DO SANTUARIO*: jornal voltado exclusivamente aos interesses da religião. Hemeroteca Digital IHGP. Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca.html>.

ABREU, Marcia. *Trajetoórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: FAPESP, 2008.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e a religião*. Disponível em: <https://revista-cult.uol.com.br/home/nietzsche-e-a-religiao/>.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

FRANCISCON, Taís. *Os romances de Maria Edgeworth: do Reino Unido ao Brasil no século XIX*. 2018. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=493309>.

GERMANO, Emanuel da Cunha. Emancipacionismo e abolicionismo nos impressos republicanos em Pernambuco entre 1850 a 1870. *Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e O Futuro da Educação no Brasil*, Recife, p. 1-16, jul. 2019. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/site/anais>.

LAJOLO, Marisa & Regina Zilberman. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LARA, Tiago Adão. *Tradicionalismo católico em Pernambuco*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1988.

LORGUES, Antoine François Félix Roselly de. *O parcho: romance religioso*. Porto: Tipografia do Jornal do Porto, 1885. Disponível em: <https://archive.org/details/oparchoromanceroorseuoft/page/n7>.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. Carla Bassanezi Pinsky, org. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. 111-153.

MARTINS, Karla Denise. Civilização católica: D. Macedo Costa e o desenvolvimento da Amazônia na segunda metade do século XIX. *Revista História Regional*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, 2002 [2004]. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2143>.

MATTOS, Franklin de. *A Cadeia Secreta: Diderot e o romance filosófico*. Ilustração de Simone Rebelo. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, Marcos Vinicius, & Josias Freitas Souto. A relação Igreja-imprensa: O nascimento da imprensa católica no Brasil no século XIX. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 152-182, nov. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dr/article/view/31334/16497>.

SILVA, Jeniffer Yara Jesus da. Os discursos por meio da produção literária na imprensa religiosa oitocentista. *Caderno de resumos da X Jornada de Pós-Graduação Fibrá*, Belém: 2017.

SILVEIRA, Diego Omar. A peleja pela “Boa Imprensa”: reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil. *Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia*, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 1-14, jun. 2013.

TRIBUNA CATHOLICA (1867-1868). Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca.html>.